

Documentação da língua indígena brasileira Yaathe (Fulni-ô)

Januacele DA COSTA (UFAL)
Miguel ALVES DE OLIVEIRA (UFAL)
Fábia SILVA (UFAL)

A língua Yaathe, pertencente ao tronco Macro-jê (Rodrigues, 1986), é ainda falada pela maior parte da população Fulni-ô. Os índios Fulni-ô vivem no município de Águas Belas, no oeste-sudoeste de Pernambuco. Um dos aspectos mais interessantes da situação dos índios Fulni-ô é a sobrevivência da língua. Na região Nordeste, os grupos indígenas existentes quando do descobrimento foram rapidamente atropelados pelo processo colonizador que, partindo do ciclo da cana-de-açúcar, no litoral, empurrou as nações indígenas que não foram dizimadas para o sertão interior. Mais tarde, o ciclo do gado cumpriria a sua parte na extinção dos nativos, ora dizimando populações inteiras, ora aniquilando a cultura por desfazer grupos inteiros, espalhando-os para longe de suas aldeias, obrigando-os, assim, a viverem isolados e fazendo parte de uma população sertaneja anômica.

Parte das populações indígenas que sobreviveram ao massacre, tanto étnico quanto físico, perderam elementos importantes do seu equipamento cultural, o que os diferenciava das populações não-índias vizinhas e entre si. Entre as perdas de marcas de identidade, a mais marcante foi a perda da língua nativa. Atualmente, das cerca de 23 nações que vivem no Nordeste, só os Fulni-ô preservaram a sua língua nativa.

Recentemente, no entanto, a UNESCO divulgou um relatório sobre línguas em risco de extinção e, de acordo com os critérios utilizados pela pesquisa, o Yaathe é uma língua que se encontra em "extremo perigo de extinção".

A despeito do fato de os Fulni-ô fazerem uso sistemático de sua língua em situações privadas, e do esforço que têm demonstrado em manter vivas a sua língua e a sua cultura, através de iniciativas educacionais, há ainda muito pouco registro do Yaathe, o que dificulta bastante quaisquer atividades relacionadas à preservação de suas manifestações linguísticas e culturais.

Atualmente, o material usado nas escolas como recurso de ensino-aprendizagem da língua na reserva indígena Fulni-ô é bastante escasso e de qualidade questionável. Os professores fazem o que podem: escrevem seus próprios textos, falam sobre cultura e religião, incentivam o uso da língua e o respeito pela cultura como um todo, tudo de maneira muito pouco sistemática e sem amparo em usos reais, documentados, da língua.

Em vista desse trabalho que vem sendo efetuado há algum tempo na aldeia e com a língua, já se dispõe de uma quantidade razoável de material coletado – listas de palavras, textos variados (letras de músicas, narrativas, cânticos religiosos), etc. Entretanto, é preciso que se faça um tratamento mais consistente em termos de digitalização e organização para armazenamento, de modo a que esse material possa efetivamente vir a constituir um banco de dados da língua.

O que se objetiva com este trabalho é apresentar, para discussão, um modelo de construção de um banco de dados o mais abrangente possível acerca da língua Yaathe, constituído de materiais já coletados e de materiais por coletar. O banco de dados seguirá os modelos hoje adotados por bancos de dados de línguas em perigo de extinção, contendo materiais transcritos, anotados e acessíveis à comunidade. Os dados já coletados serão organizados, etiquetados, transcritos e anotados.

Uma vez que se tenha uma ideia do material aproveitável dentro do corpus não-catalogado já existente, uma coleta de dados em campo será organizada, tendo como objetivo complementar o material já disponível para compor o banco de dados. Entre os dados que se planeja coletar incluem-se listas de palavras e frases, tendo como modelo as já clássicas listas Swadesh (Swadesh, 1955), LDQ (Comrie & Smith, 1977), e aquelas propostas por Healey (1975), além de uma série de exemplares discursivos, entre os quais narrativas de experiência pessoal, mitos, narrativas procedimentais e conversas espontâneas.

Os dados serão gravados e arquivados respeitando todas as medidas e indicações propostas pela E-MELD School of Best Practice, que vem sendo adotadas em projetos de documentação de línguas indígenas internacionalmente, pelo Open Archival Information System (OAIS), que é um modelo de referência, com padrão ISO (14721:2003), adotado pelos bancos de dados linguísticos mais recentes, e anotados seguindo os preceitos do Metadata Encoding and Transmission Standard (METS), também adotados por bancos de dados internacionais.

A transcrição e tradução dos dados serão feitas com o auxílio dos professores de Yaathe, o que proporcionará uma discussão acerca de um modelo adequado de grafia a ser adotado, com aprovação da comunidade. As transcrições serão feitas no programa Praat (Boersma & Weenik, 2007), uma vez que este programa dá acesso a detalhes acústicos dos dados, o que não apenas facilita a transcrição, nos mais diferentes níveis, mas também auxilia a feitura de estudos acústicos os mais diversos. Os dados transcritos em Praat serão exportados para o programa ELAN (Hellwig & Uytvanck, 2007), que permite uma maior liberdade de uso para anotação, possibilitando inclusive o alinhamento da transcrição e anotação com arquivos de vídeo. Todos os dados serão depositados em bancos internacionais, tais como o DoBes, garantindo assim a sua preservação.

Entende-se, de acordo com Himmelmann (2006), que documentação de línguas é um campo de investigação e de prática linguística cujas preocupações básicas são a compilação e a preservação de dados linguísticos primários e interfaces entre esses dados e vários tipos de análises neles baseadas. Além disso, embora preocupação com línguas em risco de extinção seja uma boa razão para que se desenvolvam projetos de documentação de línguas, não é a única. Documentações de línguas fornecem subsídios para as bases empíricas da linguística e de disciplinas afins, tais como tipologia linguística, antropologia cognitiva, etc., que dependem muito de dados de comunidades de fala pouco conhecidas para verificação das suas hipóteses, economizando, assim, recursos de pesquisas.

A principal contribuição deste trabalho é, assim, auxiliar a preservação de uma língua nativa brasileira em estado de iminente extinção, oferecendo uma documentação linguística abrangente e representativa, que poderá ser utilizada não apenas para estudos acadêmicos, mas também para a elaboração de materiais didáticos utilizados no ensino da língua na comunidade indígena.